



## A OBJETIVIDADE DO CONHECIMENTO EM DESCARTES<sup>1</sup>

*Arnildo Pommer<sup>2</sup>*

**INTRODUÇÃO:** Em Descartes, especialmente nos textos Discurso do Método, Regras Para a Direção do Espírito e Meditações Metafísicas, a instância produtora do conhecimento – o eu – parece exigir imersão completa na subjetividade, o que tornaria o seu método de investigação completamente inócuo pela consequência de não conseguir sair da circularidade do subjetivo, não alcançando, portanto, o conhecimento da realidade exterior. **MÉTODO:** Pesquisa bibliográfica. Analítico-hermenêutico. **RESULTADOS:** O problema filosófico cartesiano se coloca a partir da constatação da ausência de garantia da validade do conhecimento científico. Depois do exame do que ele próprio julga conhecer, Descartes põe em marcha o procedimento da dúvida metódica. O exercício radical da dúvida o leva a considerar como falso tudo o que pensa e sente, chegando, deste modo, a máxima incerteza, para dela fazer brotar, por dedução, a primeira certeza: “Se duvido, penso”. No entanto, por se tratar de uma certeza apenas própria da subjetividade e não da objetividade da realidade externa, parece não haver possibilidade de certeza frente a um objeto que se possa determinar como conhecido. Contudo, a primeira certeza “se duvido, penso” estabelece o ponto de partida para a determinação de alguma existência, a do sujeito que pensa, ou seja, a existência de quem duvida, por intermédio do recurso à disposição de séries de termos dispostos racionalmente – séries análogas às expressões matemáticas – Descartes justifica a consequência de sua dedução a partir da expressão “se duvido, penso” que se torna, “penso, logo existo”. Se este eu que pensa existe, surge, consequentemente a primeira certeza. Esta certeza demanda um existente: eu existo. Mas essa existência decorre do pensar e acaba por implicar na identidade entre o ser e o pensar. Se o eu que pensa deixasse de pensar, o ser existente deixaria de existir. **CONCLUSÃO:** A solução desse impasse implica num duplo sentido da dúvida metódica: “por um lado o [cartesianismo] se apresenta como paradigma para as intuições que deverão suceder-se numa visão clara da realidade, ou seja, tudo o que for afirmado deverá ser afirmado com a evidência plena do tipo “penso, existo”; por outro lado, o cogito repercute no plano metafísico, pois significa o encontro, pelo pensamento, de algo que subsiste, de uma substância. O desdobramento ‘natural’ do ‘penso, logo existo’ é: ‘existo como coisa pensante’. Do pensamento ao ser que pensa – realiza-se, então, o salto sobre o abismo que separa a subjetividade da objetividade”. (Descartes, vida e obra, 1983, p. XVI).

<sup>1</sup> Pesquisa Institucional da Unijui

<sup>2</sup> Professor Doutor do Departamento de Filosofia e Psicologia